

LUIZ CARLOS BRESSER PEREIRA

ESTADO DE SÃO PAULO

As idéias distorcidas



**O presidente
jamais disse a
frase:
"Esqueçam
tudo o
que escrevi"**

Distorcer as idéias dos entrevistados é um mal endêmico da imprensa em todo o mundo. Raramente isso ocorre por má-fé. Geralmente acontece por falta de compreensão do jornalista ou por falta de clareza de quem comunicou. O presidente Fernando Henrique Cardoso tem sido uma vítima constante desse problema. Na campanha atribuíram-lhe uma frase que jamais pronunciou: "Esqueçam tudo o que escrevi." Como o presidente e a grande maioria de seus amigos realizou nos anos 70 e 80 uma transição intelectual de posições de esquerda nacionalistas para posições de centro-esquerda voltadas para o interesse nacional e a social-democracia, a frase parecia fazer sentido. Na verdade, era uma tolice que Fernando Henrique jamais diria. Não há ninguém mais legitimamente orgulhoso de sua produção intelectual — que, aliás, jamais foi radical — do que ele mesmo.

Uma das características do pensamento de Fernando Henrique, entretanto, é seu caráter dialético. Ele fala e escreve admiravelmente, mas não o faz de forma linear, quadrada. Ao contrário, coloca sempre as idéias na História, examina suas contradições e as analisa sempre sob diversos ângulos, já que, para um pensamento dialético, a verdade é multifacetada e em constante mudança.

Na última quinta-feira, ao falar na abertura de um seminário so-

bre a lei de licitações de serviços públicos, Fernando Henrique pronunciou um notável discurso. Mas seu pensamento dialético e criativo deu novamente oportunidade a interpretações equivocadas. Comentário recente de um conhecido jornalista afirma taxativamente que "pela primeira vez o presidente Fernando Henrique Cardoso renega — sem possibilidade de contestação — as teorias que fizeram sua fama e o elevaram à categoria de príncipe da sociologia brasileira".

Eu estava presente ao discurso, conheço intimamente as idéias do presidente sobre a "teoria da nova dependência", que ele expôs de forma definitiva no livro com Enzo Faletto *Dependência e Desenvolvimento da América Latina*, publicado originalmente em espanhol, em 1969. Esse livro é um marco do pensamento latino-americano. Nele Fernando Henrique foi capaz de antecipar de forma brilhante as transformações que estavam ocorrendo no mundo e em particular na América Latina. Nesse sentido, seu livro constitui uma forte crítica à "teoria do imperialismo", que explicava o subdesenvolvimento da região em função da exploração das grandes potências, que se oporiam à industrialização do Brasil. Nos anos 60 essas idéias começam a ser discutidas por alguns intelectuais, mas aquele que mais plenamente compreendeu a natureza da mudança em curso — mudança que levaria

à atual globalização da economia — foi Fernando Henrique.

Em seu discurso, foi precisamente isso o que ele disse. Disse, literalmente: "Não se percebia que o mundo estava mudando... Escrevi um livro. E nesse livro tivemos que inventar um conceito, aliás, impróprio. Dizíamos: estava havendo a internacionalização do mercado interno. Hoje, chama-se globalização. Eu escrevi isto em 1966, 67..."

Em outras palavras, o presidente havia percebido com clareza, ainda que de forma incompleta, a grande mudança que estava ocorrendo no mundo. Mudança de que, segundo ele, "20 anos depois é que a sociedade tomou conhecimento". Não a viu então completamente — afinal, ninguém poderia fazê-lo. Por isso disse: "Eu vi uma meia verdade. Não eram só os mercados, era o sistema produtivo (que se internacionalizava)".

Mas não ver toda a verdade, não ser capaz de predir tudo o que iria ocorrer não significa que a pessoa tenha abandonado suas teorias. Na verdade, o que o presidente nos disse foi que percebeu com grande antecedência a mudança. Essa é a função dos grandes intelectuais. Percebeu boa parte da mudança, não toda. Percebeu a natureza básica dela, o fato de que as empresas multinacionais não se opunham mais à industrialização na periferia do mundo desenvolvido, mas estavam participando dela; percebeu que as idéias do velho imperialismo estavam superadas; percebeu que na nova dependência havia distorções provocadas pelas novas relações entre o centro e a periferia, mas que não se tratava mais de impedir a nossa industrializa-

ção. Tudo isso Fernando Henrique percebeu no final dos anos 60. Como também percebeu que havia agora uma "nova" dependência, uma dependência de outra natureza, na medida em que a associação política que então havia entre as multinacionais e o regime militar facilitava a concentração de renda e fortalecia o regime autoritário.

Não existe, portanto, nenhum "fim de teoria". Houve, nos anos 60, o desenvolvimento de uma teoria que, quase 30 anos depois, está sendo aplicada no governo. Uma teoria que percebeu a globalização do mundo. Uma teoria que percebeu não haver, intrinsecamente, conflitos de interesses entre o Brasil e as grandes potências. Uma teoria que percebeu que o velho nacionalismo anti-imperialista estava morto, e que um novo nacionalismo, baseado no interesse nacional, examinado caso a caso, surgia. Uma teoria que mostrava que ser progressista e de esquerda não significavam mais ser contra "o capital estrangeiro" que nos oprimiria, mas a favor do desenvolvimento do Brasil; uma teoria que mostrava que nós não éramos mais tão fracos e pequenos e podíamos perfeitamente negociar nossos interesses com o resto do mundo. Uma teoria que mostrava que, embora ainda não plenamente desenvolvidos, somos um país capaz de competir internacionalmente e de conviver de maneira frutífera, não apenas com a América Latina, e particularmente o Mercosul, mas também com o mundo desenvolvido, com o qual precisamos negociar, em vez de o temer.

■ Luiz Carlos Bresser Pereira é ministro da Administração Federal e da Reforma do Estado